

## DO ALiB AO ALiB: O ESTUDO DA DITONGAÇÃO DIANTE DE -S EM DIFERENTES TEMPOS

---

FROM ALiB TO ALiB: THE STUDY OF DIPHTHONG BEFORE  
-S IN DIFFERENT TIMES

Amanda dos Reis Silva<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

**Resumo:** Este artigo aborda o estudo da ditongação diante de -S, fenômeno que se manifesta em pa(i)z, de(i)z, trê(i)s, vo(i)z, lu(i)z etc. Trata-se de um processo característico do Português Brasileiro (PB), em face do Português Europeu (LEITE DE VASCONCELOS, 1970 [1901] e outros). Destacam-se, neste texto, os estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A investigação do fenômeno limitava-se a comentários esparsos em textos que davam conta dos estudos sobre o PB, em geral, ou a investigações sociolinguísticas que se restringiam a pequenos grupos de falantes e localidades, principalmente do Sul do país (cf. LEIRIA, 1998; TASCA, 2000; HAUPT, 2007). A partir do ano de 2008, começaram a ser levantados os dados referentes ao fenômeno com base no corpus do ALiB. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da UFBA, desenvolveram-se a dissertação (2012-2014) e a tese (2014-2018) da autora, as quais dão informações acerca do fenômeno em 25 capitais brasileiras e 22 cidades do estado da Bahia, respectivamente. Por meio de análises dialetais, sociolinguísticas e, com base no aparato da Fonética Acústica, sabe-se que, além da diferenciação diatópica, há questões de ordem acústico-articulatórias e sociohistóricas que justificam a existência dessa ditongação no PB e a primazia de determinadas comunidades no uso das variantes ditongadas. Atualmente, prossegue-se a análise do fenômeno em áreas do Nordeste brasileiro constituintes da rede de pontos no ALiB.

Palavras-Chave: Ditongação diante de -S; Projeto Atlas Linguístico do Brasil; Português Brasileiro.

---

<sup>1</sup> amandareis@ufrb.edu.br

---

**Abstract:** *This paper deals with the study of diphthong before -S, a phenomenon that manifests itself in pa(i)z, de(i)z, trê(i)s, vo(i)z, lu(i)z etc. It is a process characteristic of Brazilian Portuguese (BP), in the face of European Portuguese (LEITE DE VASCONCELOS, 1970 [1901] and others). Stands out, in this text, studies developed within the scope of the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB). The investigation of the phenomenon was limited to sparse comments in texts that were responsible for studies about BP, in general, or for sociolinguistic investigations that were restricted to small groups of speakers and localities, mainly in the south of the country. (cf. LEIRIA, 1998; TASCÁ, 2000; HAUPT, 2007). As of 2008, data on the phenomenon started to be collected based on the ALiB corpus. Within the scope of the Graduate Program in Language and Culture (PPGLinC) at UFBA, the dissertation was developed (2012-2014) and the author's thesis (2014-2018), which provide information about the phenomenon in 25 Brazilian capitals and 22 cities in the state of Bahia, respectively. Through dialectical, sociolinguistic analyzes and, based on the apparatus of Acoustic Phonetics, it is known that, in addition to diatopic differentiation, acoustic-articulatory and socio-historical issues that justify the existence of this diphthong in PB and the primacy of communities in the use of diphthong variants. Currently, the analysis of the phenomenon continues in areas of Northeast Brazil that constitute the network of points in ALiB.*

Keywords: *Diphthong in the face of de -S; Atlas Linguistic Project of Brazil; Brazilian portuguese.*

## INTRODUÇÃO

Este texto tem como motivação a comemoração de dez anos de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ao pensar na trajetória de estudos desenvolvidos acerca da ditongação diante de -S no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), empreendidos, sobretudo, em tal curso, rememoro, neste artigo, um processo cíclico, de aprendizados e construções.

Parto de um quando – novembro de 2008, início de minhas atividades como bolsista de Iniciação Científica – e de um onde – sala 130 do Instituto de Letras, sede da Regional Bahia do Projeto ALiB – para uma travessia de saberes aprofundados e contribuições pormenorizadas acerca da língua portuguesa falada no Brasil, que se intensificaram no PPGLinC. Chego, hoje, novamente ao ALiB, projeto em que atuo na condição de pesquisadora, formando outros jovens estudantes, como eu fora, ao longo desse trajeto.

Devo salientar, desde então, que os percursos desempenhados no ALiB e no PPGLinC, enquanto estudante, foram constantemente orientados pela Prof.<sup>a</sup>

---

Dr.<sup>a</sup> Jacyra Andrade Mota (UFBA / CNPq). A ela registro não só agradecimentos por ser uma mestra, em sentido mais estrito da palavra, como também dedico este texto, que retoma muitos dos seus ensinamentos.

Para começar, pensar um fenômeno como a ditongação diante de -S reflete uma observação das próprias rotas percorridas pela língua portuguesa no Brasil. Isso requer um olhar que congregue diferentes perspectivas, no sentido de entender como e por que se sustentam peculiaridades que, na contemporaneidade, permitem cogitar a existência de uma gramática particular em contraponto ao português da Península Ibérica. A ditongação é um dos fenômenos apontados como reveladores dessa realidade linguística nova, desde as primeiras observações sobre o PB: “[...] on ajoute un *i* à la syllabe finale de certains mots termines par -ê: *fei* = \*fê = fez, *trei* = \*trê = trê, *francei* = \*France = francês...”<sup>2</sup> (LEITE DE VASCONCELOS, 1970 [1901], p. 133, grifos do autor).

Tal fenômeno é perceptível em elocuições como as que são transcritas a seguir, a partir de entrevista realizada pelo Projeto ALiB, com informante de segunda faixa etária em Salvador, Bahia:

(i) INQ. – O que vem depois do nove?

INF. – Depois deiz [‘dejs].

(ii) INQ. – Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa...?

INF. – Bom cantô. É boa **voiz** [‘vojs].

(iii) INQ. – Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: “Me deixe em...”?

INF. – Em **paiz** [‘pajs].

Além da compreensão de tratar-se de um fenômeno inovador no PB, entende-se que esse tipo de ditongação presta-se a caracterizar áreas dialetais brasileiras não suficientemente delimitadas. O seu estudo contínuo vem sendo feito pelo Projeto ALiB não somente no sentido de compreender uma possível divisão dialetal brasileira com base nos ditongos diante de -S, mas, sobretudo, no

---

<sup>2</sup> “Acrescenta-se um *i* à sílaba final de algumas palavras terminadas por -ê: *fei* = \*fê = fez, *trei* = \*trê = trê, *francei* = \*France = francês...” (LEITE DE VASCONCELOS, 1970 [1901], p.133, tradução nossa).

---

intuito de explorar os condicionamentos sociais, históricos e linguísticos que proporcionaram a fixação desse traço linguístico na fala de brasileiros.

Para além desta introdução, este artigo retoma, na seção seguinte, alguns estudos precedentes à investigação feita pelo ALiB. Adiante, apresentam-se os resultados dos estudos realizados a partir dos dados das capitais brasileiras, os quais foram obtidos por mim, sobretudo durante o curso de Mestrado em Língua e Cultura. Em seguida, parte-se para os dados das cidades baianas – estudados durante o Doutorado em Língua e Cultura –, os quais concatenam observações dialetológicas, sociolinguísticas e acústicas, trazendo significativas respostas com relação ao processo de fixação do fenômeno no PB. Posteriormente, comenta-se o estágio atual do estudo da ditongação diante de -S, hoje desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde se germinam as sementes do Projeto ALiB entre estudantes concluintes da graduação em Letras e voluntários do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da instituição. Assim, traço o caminho do ALiB ao ALiB, neste texto.

## 1 O ESTUDO DA DITONGAÇÃO DIANTE DE -S NO PB: PRELIMINARES

A ditongação diante de -S é, primeiramente, citada em obras que tinham como interesse prioritário a caracterização do PB em face da variedade europeia. É pioneiro o comentário de Leite de Vasconcelos (1970 [1901]) citado na Introdução deste artigo.

Em seguida, é possível encontrar comentários de natureza similar em filólogos e gramáticos como Sousa da Silveira (1940 [1923]), Chaves de Melo (1946), Coutinho (1974 [1938]), Vásquez Cuesta e Mendes da Luz (1971 [1949]), entre outros. Esses, de modo geral, citam a ditongação como um fenômeno típico do PB, depreendido, por exemplo, da rima de poetas românticos e parnasianos.

---

As últimas autoras associam a ditongação diante de -S à chamada “língua familiar”, que seria aquela

[...] empregada por indivíduos de uma certa cultura e educação ao expressarem-se sem preocupações literárias, o santuário do idioma. Totalmente isenta de pedantismo e equilibradamente conservadora e modernista, ela é, ao contrário da fala popular, por assim dizer, a fonte revigorante da linguagem artística. (VÁSQUEZ CUESTA; MENDES DA LUZ, 1971 [1949], p.125).

Citam-se, ainda, nesse bloco, comentários como os de Câmara Jr. (2008 [1953]), Révah (1958) – a propósito do Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro – Houaiss (1959) e Silva Neto (1963). Esses, além das questões anteriores, associam o fenômeno à fala carioca e ao processo de palatalização do -S em coda, como explicita Houaiss (1959, p.64): “Na área carioca, quiçá na maioria do território brasileiro em que se verifica a chamada ‘palatalização’ do -s e -z (gráficos finais) ocorre a ditongação com [y] das vozes finais acentuadas de vocábulos agudos.”.

No que concerne às monografias dialetais, a ditongação diante de -S é citada por Amaral (1920) – em referência ao dialeto caipira, do interior paulista – , por Marroquim (1945 [1934]), tratando da “língua do nordeste”, por Aguiar (1937) e Serraine (1972), ao abordar a língua falada no Ceará.

O primeiro estudo que registrou comentários acerca da ditongação diante de -S com base na fala – e não nas impressões de seus autores – foi a tese de doutoramento de Head (1964). No estudo, o autor considerou 20 indivíduos como seus informantes. No grupo, foram incluídos homens e mulheres, de diferentes profissões, cujas falas representassem as normas ditas cultas do português falado em Lisboa e no Rio de Janeiro<sup>3</sup>. Ao comentar a ocorrência de /j/

---

<sup>3</sup> Sobre a escolha dos informantes, Head (1964), comenta: “Although some investigators [...] have expressed a preference for male informants, both groups of informants used in the present study include females as well as males. In terms of professions represented, both groups [...] include professor [...], students, housewives, and businessmen. The ages represented by the two groups show similar distribution from the twenties through the fifties.” (HEAD, 1954, p.14-15).

---

nas duas normas, aponta a inserção de um iode após as vogais diante dessa consoante na fala carioca:

Before final /ʃ/ a ‘yod’ is often introduced in cariocan speech. This sometimes closes the preceding vowel: Cariocan [nɔjʃ], /nɔjʃ/, as opposed to Lisbon [nɔʃ], /nɔʃ /, for nós [...]. This tendency sometimes results in the elimination of contrasts between certain forms: alemães, ‘German men’, and alemãs, ‘German women’ [...]. (HEAD, 1964, p. 152).<sup>4</sup>

Os estudos de natureza sociolinguística efetuados sobre a ditongação diante de <S> no PB, anteriores à investigação empreendida pelo ALiB, recobrem, em geral, pequenas porções geográficas do país, na maior parte dos casos, do Sul. Ainda, restringem-se, na maioria das vezes, aos monossílabos tônicos e às palavras oxítonas, haja vista assumirem como pressuposto os comentários de linguistas, filólogos e gramáticos que apontaram esses como o contextos exclusivos para a formação dos ditongos em causa.

Cita-se, por exemplo, o estudo de Leiria (1995, 2000), que é baseado nos dados do VARSUL (Variação Linguística no Sul do Brasil). O trabalho analisa condicionamentos estruturais e sociais para o fenômeno, contemplando dados das três capitais da região Sul e verifica ocorrências do fenômeno em oxítonos e monossílabos tônicos (como em ‘arro(i)z’, ‘nó(i)s’ e ‘você(i)s’).

Apoia-se na análise quantitativa, obtida através da submissão dos dados ao pacote de programas VARBRUL. Contabiliza ao todo 1 725 dados, dos quais 700 se referem a ocorrências de ditongação (41%). As frequências revelam pouca expressividade da ditongação nas áreas estudadas. Os pesos relativos indicam a proeminência no falar de Curitiba quanto à ditongação, seguidos dos de Florianópolis. Em Porto Alegre, haveria um forte desfavorecimento ao fenômeno.

---

<sup>4</sup> “Antes de um /ʃ/ final um ‘iode’ é frequentemente introduzido na fala carioca. Ele, por vezes, fecha a vogal seguinte: o carioca [nɔjʃ],<sup>o</sup>/nɔjʃ/, ao contrário do lisboeta [nɔʃ], /nɔʃ /, para nós [...]. Essa tendência resulta, às vezes, na eliminação de contrastes entre certas formas: alemães, ‘homens alemães’, e alemãs, ‘mulheres alemãs’ [...]” (HEAD, 1964, p.152, tradução minha).

---

Ainda no que é atinente à Região Sul, há os estudos de Tasca (2005) e Haupt (2007, 2008). A primeira autora, apresenta um estudo também vinculado ao VARSUL. São analisados dados referentes a quatro comunidades do Estado do Rio Grande do Sul, considerando a natureza dos seus povoamentos como critério de seleção. São elas: Porto Alegre (presença açoriana, falantes monolíngues em português), Flores da Cunha (colonização italiana, falantes bilíngues em italiano), Panambi (colonização alemã, bilíngues em alemão) e São Borja (habitantes da fronteira com a Argentina, com presença da fala espanhola).

Das 10 544 ocorrências de sílabas fechadas por -S, houve um total de 413 ditongações, revelando, empiricamente, a baixa frequência do fenômeno nas áreas estudadas. Através dos resultados das rodadas do VARBRUL, a autora identificou a maior predominância do fenômeno em Porto Alegre, percebendo, ainda, um grande número de realizações ditongadas para a vogal baixa central [a].

A segunda autora trabalhou, especificamente, com dados de florianopolitanos da comunidade de Ribeirão da Ilha, caracterizada pela presença de uma população descendente de açorianos. Haupt (2007, 2008) observou não somente a ditongação, mas, também, a palatalização do -S em coda. Tratou dos monossílabos tônicos e oxítonos. Concluiu que a ditongação não é muito difundida em Florianópolis (apenas 38% de frequência de variantes ditongadas), salientando, inclusive, o processo de monotongação de ditongos fonológicos, como em *seis* e *dois*.

Fora do eixo Sul-Sudeste, há o trabalho de Aquino (2004), com base nos dados do Projeto Variação Linguística na Paraíba (VALPB), referentes a falantes de João Pessoa. A autora observa condicionamentos linguísticos e sociais, revelando que a ditongação tem alto peso relativo nas iniciais pretônicas do que considera vocábulo fonológico (do tipo “*ais casas*”); nas sílabas tônicas finais de palavra (como em *francêis*) e nos monossílabos tônicos (como *paiz*).



---

Acerca dos anos de escolarização dos informantes, percebe que o fenômeno é levemente favorecido por aqueles com menos anos de escolarização: de 0 a 4 anos. Sobre a faixa etária, a autora demonstra que a ditongação é favorecida pelos maiores de 50 anos e inibida pelos mais jovens, de 19 a 25 anos. A faixa intermediária exibe um comportamento neutro (0,50 de peso relativo). Diante desses resultados, a autora hipotetiza uma mudança em curso, na qual a ditongação estaria deixando de ser usual em João Pessoa.

Em face desses e de outros estudos – aqui não apresentados por razões organizacionais – tornou-se perceptível a prioridade em observar o fenômeno apenas nos contextos apontados como favorecedores nas obras de caráter descritivo, expostas anteriormente. Relembro que boa parte das descrições acerca do PB apontam a ditongação em monossílabos tônicos (como em *deiz*, *paiz* e *cruiz*) e oxítonos (*rapaiz*, *francêis*). Desse modo, os estudos sociolinguísticos empreendidos anteriormente limitavam-se, em boa parte, a esses elementos.

Assim, os estudos realizados com base no *corpus* do ALiB tiveram como desafio ampliar não somente o escopo geográfico da abordagem da ditongação diante de -S, mas, sobretudo expandir as observações no que é pertinente aos contextos linguísticos que fomentam a existência de tal variante, bem como a sua correlação com a estrutura social. A seguir, apresentam-se os principais resultados obtidos ao longo dos anos de estudo no âmbito do PPGLinC.

## 2 A DITONGAÇÃO DIANTE DE -S NAS CAPITALS BRASILEIRAS

Em meu estudo de Mestrado, Silva (2014a), procurei fornecer um retrato acerca da ditongação diante de -S no PB, tomando por base a fala de 200 informantes, socialmente estratificados, nativos de 25 capitais brasileiras, investigadas pelo Projeto ALiB.

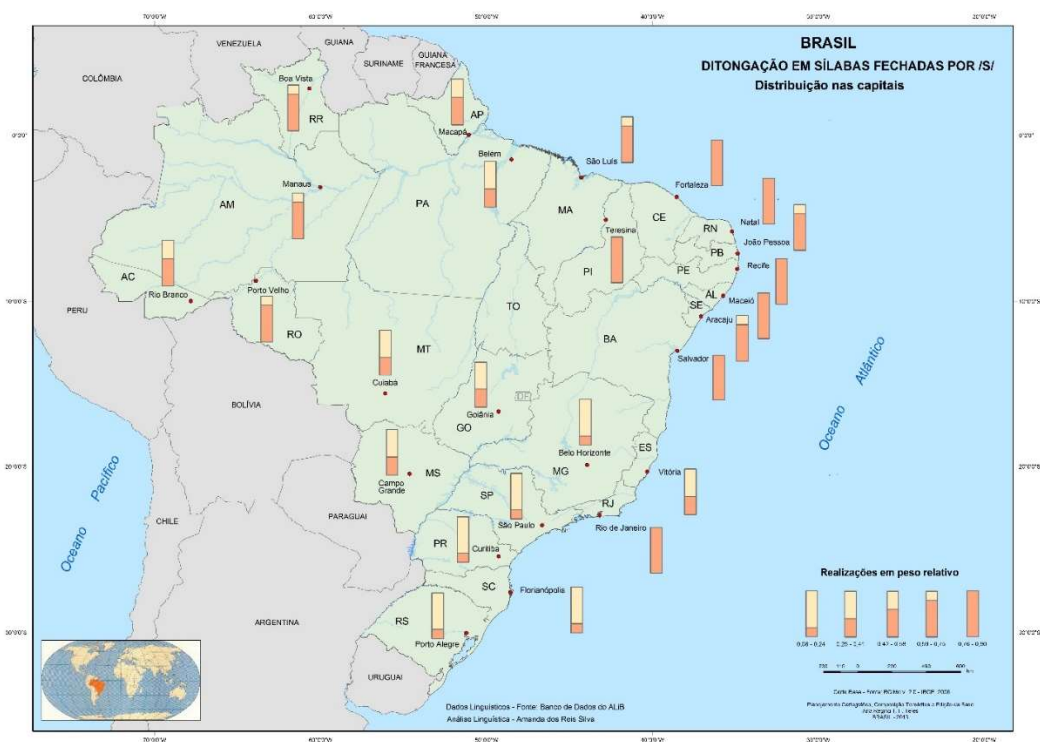


---

Para isso, foram considerados dados pertinentes às vogais diante de -S, obtidos a partir das gravações da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) a esses indivíduos. Os resultados, encontrados mediante variadas análises estatísticas efetuadas com o auxílio do GoldVarb 2001, revelaram caminhos para que se considere ser a ditongação diante de -S um fenômeno que particulariza falares no Brasil.

A distribuição diatópica do fenômeno demonstrou que a ditongação é desfavorecida nas capitais do Sul brasileiro, as quais são seguidas pelas capitais do Centro-Oeste, do Sudeste (à exceção do Rio de Janeiro) e por Belém e Macapá, ao Norte do país. O estudo revelou, também, que há cidades na Região Norte (Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco), em que se percebe um comportamento intermediário quanto ao fenômeno. Por fim, nas capitais do Nordeste brasileiro, no Rio de Janeiro e em Manaus, os pesos relativos indicaram forte prevalência da ditongação das vogais. Esses resultados são apresentados em cartografia na Figura 1, a seguir, e na Tabela 1.

Figura 1: Ditongação diante de -S nas capitais brasileiras; distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB<sup>5</sup>



Fonte: Silva (2014a, p.189)

<sup>5</sup> Esta carta linguística foi elaborada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Regina Torres Ferreira Teles (UFBA-Escola Politécnica), a quem se registram agradecimentos, *in memoriam*, pelo apoio durante toda a jornada.

Tabela 1: Ditongação diante de -S nas capitais brasileiras; distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB

CAPITAL	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Salvador	120/292	41	<b>0,90</b>
Maceió	175/421	42	<b>0,84</b>
Recife	105/384	27	<b>0,81</b>
Rio de Janeiro	54/278	19	<b>0,78</b>
Teresina	71/188	38	<b>0,77</b>
Natal	88/276	32	<b>0,77</b>
Fortaleza	61/205	30	<b>0,76</b>
São Luís	102/341	30	<b>0,71</b>
Aracaju	76/290	26	<b>0,70</b>
João Pessoa	53/212	25	<b>0,70</b>
Manaus	148/578	26	<b>0,69</b>
Boa Vista	124/440	28	<b>0,62</b>
Porto Velho	102/403	25	<b>0,59</b>
Rio Branco	67/291	23	<b>0,56</b>
Macapá	85/588	14	0,44
Belém	27/283	9	0,40
Cuiabá	59/371	16	0,34
Goiânia	75/441	17	0,33
Vitória	45/301	15	0,30
Campo Grande	48/300	16	0,28
São Paulo	44/331	13	0,22
Belo Horizonte	53/453	12	0,20
Florianópolis	41/488	8	0,19
Curitiba	30/399	7	0,13
Porto Alegre	20/341	6	0,08

*Input: 0,067; Significância: 0,030*

Fonte: Silva (2014a)

Quanto aos percentuais de aplicação da regra, vê-se que, no *corpus* analisado, os valores são baixos, não alcançando, em nenhuma das cidades, a marca de 50%. É registrado o maior percentual de variantes ditongadas em Maceió (42%).

Em atenção exclusiva aos pesos relativos, verifica-se que as divergências entre as capitais são significativas. Ainda que a ditongação em sílabas fechadas

---

por -S se aplique ao longo das áreas consideradas, há cidades em que as restrições ao fato são bastante acentuadas, enquanto há, como Salvador, em que o uso das vogais ditongadas é expressivo.

Ainda que não se possa alegar uma divisão dialetal, com base no estudo empreendido, haja vista o fato dele limitar-se às capitais estaduais, notou-se certa oposição entre as localidades dos eixos norte e sul do país. Caso tomem-se como exemplos os comportamentos extremos de Salvador, capital da Bahia, e de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul<sup>6</sup>, essa situação fica mais evidente. Enquanto a capital baiana e, não obstante, a mais antiga dentre as cidades consideradas, apresenta peso relativo altamente favorecedor ao fenômeno (0,90), a outra, pertencente ao extremo-sul brasileiro, incorporado ao Brasil apenas nos séculos XVIII e XIX, as realizações ditongadas são raras e pouco prováveis (peso de 0,08).

A observação desses aspectos possibilitou fazer inferências acerca da situação do fenômeno no Brasil, que parece ser um traço típico das áreas nordestinas, com formação mais antiga e que passaram por intensos processos de contato entre povos e línguas. Do Nordeste, o fenômeno parece ter se espreado para outras localidades, ao Norte, onde se encontra restrita a contextos linguísticos específicos. Nas capitais do Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, embora haja ditongação, há forte limitação às vogais ditongadas. Essas limitações, em geral, dizem respeito aos contextos linguísticos em que as mesmas ocorrem.

Note-se que a migração de nordestinos em contexto de segregação para as áreas mais meridionais do país, pode, muitas vezes, justificar a associação dos

---

<sup>6</sup> Como se percebe, os pesos são baixos nas capitais do Sul, de modo geral, independentemente da realização fonética do -S em coda, uma vez que em Porto Alegre predominam as alveolares e em Florianópolis as realizações palatais (cf. MOTA; JESUS; EVANGELISTA, 2010). Aspectos referentes à relação da ditongação e as realizações do -S podem ser melhor vistos no texto da dissertação ou no artigo intitulado *Varição fonética em capitais brasileiras: a ditongação diante de /S/ e as realizações fonéticas do /S/ em coda* (SILVA, 2014b).

---

autores mencionados anteriormente, entre a ditongação diante de -S e uma fala menos prestigiada, mais “popular”, dentre outros. Corrobora essa impressão o comentário da informante jovem, de nível fundamental, natural de São Paulo:

- INQ. - Qual que é mais comum falarem aqui? Eles falam... é... **três** ou **trêis**?  
Como é que cê ouve?  
INF. - **Trêis** ['trejs]. O certo é falá **três** ['tres]  
INQ. - É (inint.)  
INF. - Mas, dito...  
INQ. - Como é que mais ouve?  
INF. - **Trêis** ['trejs].  
INQ. - E depois do nove?  
INF. - As pessoas falam **deiz** ['dejs], mas o correto é **dez** ['dɛs].  
INQ. - Eu não trabalho com o correto... Eu trabalho com...  
INF. - Com o que se fala... **Deiz** ['dejs].  
INQ. - Hum... hum... **Deiz** é mais comum.  
INF. - É.

Àquela altura, no entanto, essas percepções eram apenas hipotéticas, uma vez tratar-se de uma análise parcial, direcionada ao falar das capitais e que carecia, ainda, de mais incursões minhas pela sociohistória brasileira.

Acerca dos aspectos linguísticos, cito, aqui, apenas os elementos mais gerais. O primeiro deles é o número de sílabas do item. Confirmou-se a ideia de que os monossílabos seriam mais suscetíveis a apresentar vogais ditongadas. Entretanto, salientou-se que, em certas cidades, o fenômeno encontra-se difundido em itens mais extensos, não se limitando aos itens de uma sílaba, como é o caso de Salvador. Na capital baiana, foram identificáveis ditongos diante de -S em clíticos (“*ais casas*”), bem como em sílabas átonas finais (“*meninais*”)

Considerando o grau de tonicidade da sílaba em análise, viu-se que as sílabas tônicas são mais suscetíveis a apresentarem núcleos ditongados. Embora menos recorrentes, as realizações ditongadas são também possíveis em sílabas átonas. Quanto à realização fonética da consoante em coda silábica, as realizações ditongadas seriam fortemente desfavorecidas quando as vogais são seguidas de

---

consoante fricativa palato-alveolar (peso de 0,22), ao passo que são favorecidas diante das realizações alveolares do -S (0,62).

Foi feita uma análise para cada uma das capitais, quanto a essa variável. Confirmou-se, para boa parte delas, o papel das sibilantes alveolares. Assim, a partir da análise dos dados daquela amostra, não se podia afirmar que a ditongação diante de -S seria consequência direta do processo de palatalização da consoante em coda silábica.

Com referência à natureza articulatória das vogais que se ditongam, viu-se que as vogais médias anteriores [ɛ, e] e a vogal baixa central [a] são as mais passíveis de se ditongarem, enquanto a ditongação na série das posteriores é rara, restringindo-se a alguns vocábulos como 'arroz', 'luz' e 'nós'.

Diante dos dados acerca dos aspectos linguísticos e da distribuição geográfica, ponderei que estudos mais pormenorizados, que levassem em conta as dimensões acústicas das vogais, bem como novas informações a respeito do fenômeno em áreas do interior, seriam necessários para explicitar os seus condicionamentos e ter visão mais ampliada quanto ao seu encaixamento linguístico no PB.

Considerando o fato de as vogais se diferenciarem dialetalmente quanto aos aspectos acústicos (cf., por exemplo, Callou, Leite e Moraes (1996)), entendi que tal estudo poderia, igualmente, iluminar caminhos na compreensão da própria distribuição diatópica, uma vez que, aparentemente, seriam algumas das áreas que apresentam vogais mais longas e abertas aquelas com maiores pesos para a aplicação da regra e aquelas em que o fenômeno se encontra espreado em contextos linguísticos mais diversos.

Diante disso, aventei novas hipóteses e justifiquei a necessidade de um estudo que respondesse às novas perguntas estabelecidas ao longo do estudo de Mestrado. Assim, proseguei para o Doutorado em Língua e Cultura, com vistas a solidificar tais hipóteses.

---

### 3 DITONGAÇÃO DIANTE DE -S NA BAHIA

Em minha tese de doutoramento, Silva (2018), volto-me à análise da ditongação diante de -S na Bahia, observando-a do ponto de vista de sua variação fonética e distribuição dialetal. Mais do que descrever a situação do fenômeno na área investigada, o estudo concatena os vieses da Dialectologia, da Sociolinguística e da Fonética Acústica, de modo a oferecer dados mais sólidos acerca das hipóteses estabelecidas ao longo do curso de Mestrado.

Àquela altura, escolhi prosseguir a análise do fenômeno a partir dos dados de informantes baianos, de diferentes porções do estado. Selecionei a Bahia por entender que, de algum modo, a sua sociohistória e seu processo de povoamento – do litoral aos sertões – reflete o próprio processo de disseminação do português no Brasil. Além disso, seria possível observar o contexto geográfico imediato de Salvador.

A história da Bahia, de modo geral, remonta ao ano de 1500, quando da chegada das primeiras esquadras portuguesas ao seu litoral sul e, à volta de 1530, com a instalação dos portugueses em Salvador e definição do primeiro governo geral brasileiro. Diante de séculos de história, quilômetros de extensão – para onde a língua portuguesa foi transplantada em momentos diversos – e milhares de habitantes, dotados de vivências sociais e culturais múltiplas, tornou-se premente necessidade de compreender o quão diverso é o português falado em áreas baianas e entender como se estrutura essa variação.

Esse estudo, assim, buscou apresentar informações no sentido de compreender o uso variável de ditongos diante de -S, em áreas do estado da Bahia, contempladas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Foi observada a fala de indivíduos nativos de 22 cidades baianas: Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas,



---

Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador (capital do Estado), Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabralia e Caravelas.

Parti do seguinte problema: quais as possíveis relações entre a distribuição diatópica desse tipo de ditongação em áreas do estado da Bahia, com as características acústico-articulatórias das vogais encontradas nessas variedades, bem como com as peculiaridades sociais dessas áreas? Algumas outras questões foram postas, no sentido de buscar aclarar tal problema: de que modo o fenômeno se encontra distribuído entre as comunidades e quais delas seriam mais proeminentes no uso das variantes ditongadas? De que maneira as características acústicas das vogais diante de -S interferem na ocorrência da ditongação? É possível estabelecer distinções entre as qualidades vocálicas em eixo diatópico? Em que grau e de que forma aspectos suprasegmentais, como a tonicidade da sílaba em observação, incidem sob a ditongação das vogais? De que forma se manifestam as possíveis interferências de ordem lexical na ocorrência da ditongação? De que modo as diferentes realizações fonéticas da consoante em coda silábica agem sobre a ditongação e, em que medida, esse aspecto pode ser considerado, do ponto de vista fonético-fonológico, para a compreensão do processo?

Estabeleci como hipótese a ideia de que os sons se organizam nas sílabas em função de suas relações de força, as quais se ligam, diretamente, ao seu grau de sonoridade e abertura. Dessa forma, quanto mais longas e abertas as vogais, maiores as chances de ditongação diante de -S. Em face das divergências acústico-articulatórias entre as vogais com tais características e as consoantes em coda, mais fechadas, transientes e fracas, a semivogal surgiria como uma compensação entre núcleo e coda silábica.

Pautei-me, para o estabelecimento dessa hipótese, na escala de sonoridade proposta por Otto Jespersen, retomada por Hooper (1976). Segundo a escala, a

---

força dos segmentos seria mensurada por sua audibilidade: quanto menos audíveis, menos sonoros e mais fracos. Nessa escala, os mais fracos são apresentados primeiro:

1. Consoantes surdas
  - a. Oclusivas
  - b. Fricativas
2. Consoantes oclusivas sonoras
3. Consoantes fricativas sonoras
4. Nasais e laterais
5. Vibrantes (trill e flap)
6. Vogais fechadas
7. Vogais médias
8. Vogais abertas (HOOPER, 1976, p.198).

Os critérios de audibilidade e sonoridade correspondem ao parâmetro articulatório de abertura: quanto mais aberto um segmento, mais audível e sonoro, e, portanto, mais forte. A organização das sílabas, sob essa ótica, dar-se-ia no sentido de estabelecer um maior grau de força entre o núcleo e as margens. Uma sílaba ótima seria aquela formada por uma maior diferença entre o núcleo e as margens.

Os processos ou regras de fortalecimento, como seria a ditongação, segundo essa perspectiva, seriam mais passíveis de ocorrência em posições silábicas fortes. Assim, de acordo com esses pontos de vista, quanto mais abertas, mais longas, mais fortes as vogais e maiores seriam as suas possibilidades de ditongação.

Para que se verificassem essas questões, registraram-se ocorrências de ditongação vocálica ([ˈpajs], [ˈdɛjs], [ˈtrejs]) e ausência de ditongação ([ˈpas], [ˈdɛs], [ˈtres]), submetendo 5 001 dados, pertinentes à fala de 87<sup>7</sup> informantes, à análise estatística feita por meio do *GoldVarb 2001*. Não obstante, viu-se

---

<sup>7</sup> Não se considerou o informante jovem de Juazeiro (087), por problemas técnicos.

---

previamente a distribuição diatópica das realizações de seis vocábulos sistematicamente controlados pelo QFF<sup>8</sup> e procedeu-se uma observação de caráter acústico, em que foram averiguados os valores do primeiro e do segundo formantes vocálicos, além das durações dos segmentos envolvidos no processo.

Com base na observação dos dados coletados a partir dos seis vocábulos tônicos – *três, dez, paz, voz, arroz e luz* – e de sua cartografia, viu-se que, embora as vogais tendam à ditongação no âmbito desses vocábulos, há localidades que se caracterizam pela prevalência de vogais não ditongadas nesses contextos.

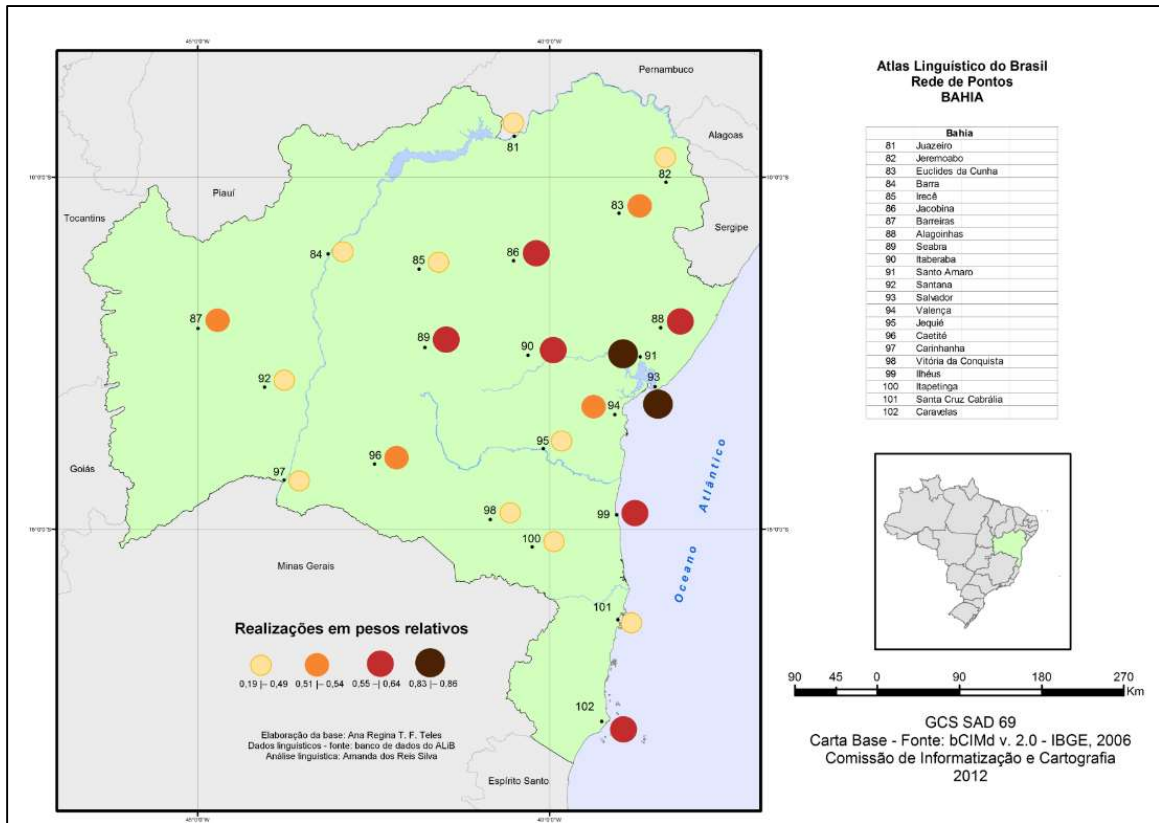
Na medida em que se notou, também, que as vogais mais posteriores – como em *arroz e luz* – tenderiam menos à ditongação, forneceram-se, também, bases para as observações acústicas efetuadas. Ressalte-se, ainda, que mediante a ditongação constante das vogais no vocábulo *três*, lançou-se a hipótese de um processo de difusão lexical ser um dos prováveis condicionamentos para a ditongação diante de -S no PB.

Com base nos resultados encontrados na análise variacionista, elaborada a partir de ocorrências variadas e não restritas aos seis vocábulos do QFF, alcançaram-se algumas respostas. No que concerne à diatopia, confirmaram-se as diferenças significativas entre as localidades, quanto às vogais ditongadas diante de -S. A cartografia desses resultados está apresentada na Figura 2, adiante.

---

<sup>8</sup> As elocuições desses vocábulos foram sistematicamente obtidas a partir das questões 009 (LUZ), 021 (ARROZ), 063 (TRÊS), 064 (DEZ), 137 (VOZ) e 155 (PAZ) do Questionário Fonético-Fonológico. Os dados foram transcritos, tabulados e contados manualmente em termos de aplicação ou não da regra variável em análise. Em seguida, foram elaboradas cartas linguísticas, que representavam a distribuição diatópica da ditongação em tais contextos, em termos de frequências.

Figura 2: Distribuição diatópica da ditongação diante de -S na Bahia: dados do Projeto ALiB



Fonte: Silva (2018, p.289).

Os valores obtidos, em pesos relativos e frequências, constam na Tabela 2.

Tabela 2: Ditongação diante de -S na Bahia; distribuição diatópica: dados do Projeto ALiB

LOCALIDADE	APLIC. / TOTAL	%	PESO RELATIVO
Juazeiro	45/177	25	0,49
Jeremoabo	73/305	23	0,40
Euclides da Cunha	83/298	27	<b>0,51</b>
Barra	47/218	21	0,41
Irecê	63/249	25	0,42
Jacobina	45/152	29	<b>0,55</b>
Barreiras	76/287	26	<b>0,53</b>
Alagoinhas	64/261	24	<b>0,60</b>
Seabra	55/209	26	<b>0,58</b>
Itaberaba	59/206	28	<b>0,59</b>
Santo Amaro	54/189	28	<b>0,83</b>
Santana	31/203	15	0,20
Salvador	71/232	30	<b>0,86</b>
Valença	65/212	30	<b>0,53</b>
Jequié	33/152	21	0,47
Caetité	64/227	28	<b>0,54</b>
Carinhanha	39/201	19	0,23
Vitória da Conquista	43/270	15	0,19
Ilhéus	60/261	22	<b>0,59</b>
Itapetinga	35/172	20	0,37
Santa Cruz Cabrália	72/262	27	0,48
Caravelas	77/258	29	<b>0,64</b>

*Input: 0,042 / Significância: 0,047*

Fonte: Silva (2018)

Diante dos valores obtidos, estabeleceram-se quatro diferentes categorias, conforme os comportamentos encontrados: (i) cidades baianas em que os pesos relativos pertinentes à ditongação diante de -S são elevados (acima de 0,70); (ii) cidades que apresentam pesos levemente favoráveis quanto à ditongação (entre 0,64 e 0,58); (iii) cidades com pesos próximos à neutralidade (entre 0,55 e 0,51) e (iv) cidades em que os informantes restringem a ditongação (entre 0,49 e 0,19).

Destacaram-se, no primeiro grupo, Salvador (0,86) e Santo Amaro (0,83), cidades que guardam em comum, além do trânsito de indivíduos, características sociais e vivências ao longo de mais de cinco séculos de história. No último

---

grupo, encontram-se cidades como Vitória da Conquista (0,19) e Carinhanha (0,23), que se distanciam não só geograficamente da capital e da área do Recôncavo Baiano, mas apresentam histórias vinculadas ao trânsito de bandeirantes e tropas do Sudeste brasileiro para a Bahia e, também, apartam-se das interferências socioculturais de Salvador.

A observação de aspectos históricos, étnicos e culturais pertinentes às áreas estudadas, desenvolvida ao longo do trabalho, permitiu que se entendesse que, embora não se possam traçar, com clareza, isoglossas pertinentes à ditongação diante de -S na Bahia, é possível considerar a existência de zonas dialetais diferenciadas. Esses comportamentos são frutos de movimentos sociais diversos, ocorridos no espaço da Bahia, no curso de sua história.

Não obstante, considerou-se que a situação de Salvador e Santo Amaro possa encontrar respostas nos massivos processos de contato entre o português e línguas africanas<sup>9</sup>, bem como na aquisição defectiva da língua portuguesa por parte das populações aloglotas. Entendeu-se que, nessas localidades, esses processos deram-se de modo mais expressivo do que nas demais cidades abarcadas pela rede de pontos do Projeto ALiB na Bahia.

Em observação aos dados encontrados para as capitais brasileiras (Silva, 2014), seguem Salvador, quanto à ditongação diante de -S, Maceió e Recife,

---

<sup>9</sup> Em atenção à questão das línguas africanas, ao longo do estudo de doutoramento, revisei os dados referentes aos ciclos do tráfico negreiro, dos povos e línguas mais presentes no espaço da Bahia durante os quatro séculos coloniais. À vista disso, é notável a presença maciça de pessoas falantes de línguas do subgrupo banto, revelando certa homogeneidade no decorrer do processo de contato com o português. Sobre essas línguas, Mendonça (2012 [1933]) já alertara sobre o fato de terem um quadro bem definido de vogais orais abertas e da prevalência de sílabas no padrão consoante + vogal. Essas informações são retomadas por Petter (2009) que, inclusive, atribui a essa prevalência do padrão silábico CV no quimbundo à tendência ao restabelecimento do mesmo no PB, estando atrelados a isso todos os processos de eliminação das codas na variedade brasileira do português. Esses dados, junto às questões fonológicas apresentadas, levaram-me a trazer o contato e a aquisição forçosa do português pelos escravizados como um fator relevante para a existência da ditongação diante de -S no PB. Houve uma manutenção da abertura das vogais (diferente do que ocorreu no PE), sendo a semivogal um som de transição para a consoante em coda, anômala na língua dessas pessoas.

---

idades que passaram por processos históricos semelhantes e que, também, destacam-se por terem sido parte relevante das monoculturas coloniais, que subsidiaram o intenso fluxo de produtos e pessoas, entre África, Brasil e Europa, durante os séculos de colonização.

Por outro lado, capitais como Belo Horizonte, Goiânia e São Paulo, cujas histórias se vinculam ao desbravamento do interior do Brasil e às entradas e bandeiras, apresentam comportamentos semelhantes aos vistos nas cidades do oeste e sudoeste da Bahia, bem como naquelas que se relacionam ao Rio São Francisco. Nessas áreas, as vogais ditongadas são escassas.

Julgou-se, porém, que a existência de mais informantes e/ou a averiguação do comportamento de outras cidades ao redor de Salvador, como aquelas situadas em sua região metropolitana e outras localidades do Recôncavo, seriam relevantes para uma compreensão mais efetiva e posições mais definitivas com relação a essas hipóteses.

Com relação às características sociais dos informantes, sistematicamente controladas, o sexo dos indivíduos e a sua faixa etária, compreendeu-se que essas variáveis são dispensáveis no estudo da ditongação diante de -S. Evidenciou-se, modo geral, que as diferenças entre homens e mulheres, indivíduos da faixa I (18 a 30 anos) e da faixa II (50 a 65 anos), entre si, quanto a maior ou menor possibilidade de ditongação diante de <S>, são pequenas.

A observação desses aspectos, associados à distribuição diatópica, todavia, permitiu compreender que há áreas em que a ditongação é um fenômeno geral e, aparentemente, independe de condicionamentos sociais. Esse é o caso de Salvador, por exemplo. Do mesmo modo, notou-se que há aquelas em que o fenômeno não é favorecido especificamente por nenhum dos grupos de informantes, sejam categorias pautadas no sexo, sejam grupos etários. Nesses casos, entende-se que as vogais ditongadas não são traços típicos das falas locais. Exemplifica, mais uma vez, essa situação, Vitória da Conquista.



---

Em referência à análise quantitativa dos condicionamentos linguísticos, há, também, respostas. De forma geral, ficou comprovado que esse processo de ditongação é típico das chamadas sílabas fortes: são as sílabas tônicas ([satɾ' najs]) e cujos núcleos são mais abertos ([ ' gajs]) e anteriores ([ ' pejs]) aquelas que tendem a apresentar ditongos diante de -S. Quanto mais posteriores, menores as chances de ditongação das vogais. Ademais, viu-se que os monossílabos ([ ' pejs]) são os contextos mais suscetíveis à ditongação vocálica. Nota-se, assim, a relevância da saliência fônica para esse processo.

No que diz respeito à zona de articulação da consoante em coda silábica, fator constantemente apontado como relevante para o entendimento do fenômeno, verificou-se que as consoantes palato-alveolares, além de serem pouco comuns nas cidades baianas, desfavorecem a aplicação da regra. É diante de -S alveolar que a ditongação vocálica se manifesta com mais expressividade. A observação dessa variável por cidade, contudo, demonstrou que há áreas, como exemplifica, mais uma vez, Salvador, em que a ditongação é favorecida por ambas as consoantes (alveolares e palato-alveolares).

As observações<sup>10</sup> acústicas, efetuadas com base nas elocuições de duas informantes mulheres de cinco cidades baianas – Salvador, Caravelas, Euclides da Cunha, Vitória da Conquista e Barra<sup>11</sup> – permitiram algumas respostas, ainda

---

<sup>10</sup> Os dados do ALiB foram colhidos *in loco*. Por isso, muitas vezes, os áudios não apresentam as condições ideais para a realização de uma análise de tal natureza. Para que isto fosse possível, além de selecionar aqueles que não apresentassem ruídos extremos e nem superposição de vozes, contei com auxílio técnico, no sentido de eliminar frequências dos ruídos externos, priorizando a manutenção das características originais das vozes dos informantes e normalizar os volumes dos áudios.

<sup>11</sup> As cidades foram escolhidas de acordo com os grupos estabelecidos durante a análise quantitativa e localização espacial: (i) Salvador, como representante das cidades baianas em que os pesos relativos pertinentes à ditongação diante de -S são elevados; (ii) Caravelas, no extremo sul do Estado, demonstrando o comportamento das vogais nas cidades baianas que apresentam pesos levemente favoráveis quanto à ditongação diante de -S; (iii) Euclides da Cunha, no nordeste / semiárido baiano, representando as cidades baianas que apresentam pesos relativos próximos à neutralidade para o fenômeno e (iv) Vitória da Conquista, no sudoeste da Bahia, do grupo de cidades baianas que apresentam pesos baixos e, portanto, em que os informantes restringem a

---

que não definitivas. Menciona-se, ainda, a inclusão de uma informante experimental, para controle dos valores obtidos para F1, F2<sup>12</sup> (em Hz) e duração (em segundos) das vogais e semivogais (em casos de ditongação).

Todos os valores obtidos para a análise acústica foram extraídos de medições efetuadas com o *software* PRAAT em sua versão 6.0.37<sup>13</sup>. A partir dos recursos disponibilizados pelo PRAAT, foram observados os espectrogramas, entendidos como representações espectro-temporais dos sons. Essas imagens, em seus eixos horizontais, trazem informações acerca do tempo, e em seus eixos verticais reproduzem as frequências que constituem as ondas sonoras complexas observadas. O grau de escurecimento nas faixas observadas nos espectrogramas se relaciona com a intensidade. Além desses, tomei por base as formas de onda, uma vez que elas permitem identificar as mudanças pelas quais passam os segmentos da fala, ao longo do tempo.

Constatei, de modo geral, que as diferenças acústicas no que tange à sua maior ou menor abertura e, também, ao maior ou menor grau de anterioridade, interferem no processo de ditongação diante de -S. Confirmou-se que vogais mais abertas, anteriores e centrais, tendem mais à ditongação. Para as posteriores mais elevadas, nos casos em que há ditongação, os ditongos formados tendem a ser mais breves, uma vez que essas vogais também têm curta duração.

Esse último aspecto também demonstrou-se relevante para a compreensão do fenômeno: vogais mais alongadas tendem a se ditongar mais. Deve-se considerar, todavia, que, embora se partisse de uma compreensão em que os

---

ditongação em sílabas fechadas por -S. Incluíram-se, ainda, os dados das informantes de uma cidade representativa do oeste baiano e da região do Rio São Francisco, Barra.

<sup>12</sup> Refere-se às frequências formânticas das vogais, que equivalem às ondas de ressonância, obtidas a partir da vibração do ar nas cavidades supraglóticas. F1 (primeiro formante) é associado ao movimento de elevação da língua na cavidade oral, enquanto F2 (segundo formante) é relativo ao avanço/recuo da língua na mesma cavidade, durante a produção de harmônicos, como as vogais e semivogais.

<sup>13</sup> O programa, disponível na *Internet*, conta com atualizações constantes. A versão utilizada foi referente ao mês de março de 2018.

---

ditongos ocupariam metade do tempo da emissão de uma vogal simples, considerando a emissão da vogal e da semivogal, esses encontros, na verdade, ocupam praticamente o dobro do tempo de um só segmento.

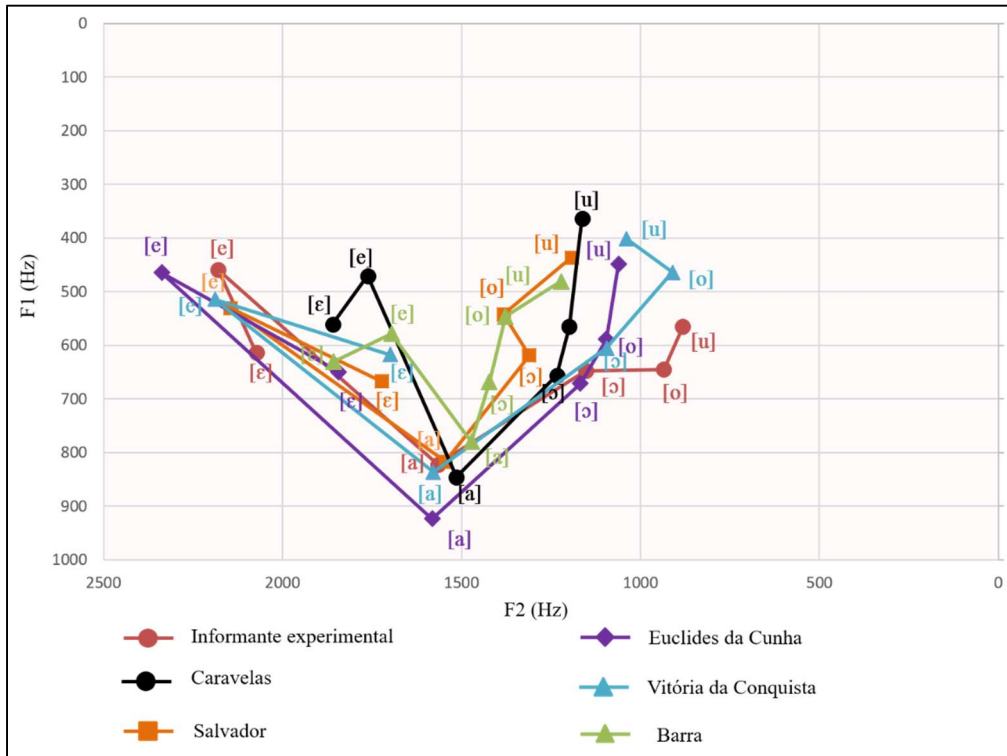
Tratando de questões diatópicas, viu-se que há diferenças significativas entre as localidades, sobretudo quando se consideraram os valores de F1 e F2. Cidades que apresentaram maiores pesos relativos para vogais ditongadas, como Salvador, Caravelas e Euclides da Cunha, de modo geral, apresentam vogais mais abertas e anteriores. Cidades como Vitória da Conquista e Barra, por sua vez, além de apresentarem vogais mais centralizadas ou posteriores, apresentam a série das posteriores ligeiramente mais elevada do que as demais.

Esses resultados podem ser identificados na Figura 3, que apresenta em forma gráfica a dispersão das séries vocálicas em tais localidades. Para a obtenção desses valores, foram feitas média aritméticas, a partir dos dados das duas informantes de cada localidade<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Para um maior detalhamento das análises acústicas empreendidas, sugiro consultar Silva (2018) e Silva e Mota (2018).

Figura 3: F1 e F2 das vogais diante de <S> em cidades baianas (em Hz)



Fonte: Fonte: Silva (2018, p.398)

Compreende-se, portanto, que os elementos aventados nas observações acústicas, os valores encontrados na análise variacionista e a distribuição diatópica permitem que se entenda que a ditongação diante de -S no Estado da Bahia e, por conseguinte, no PB, apresenta condicionamentos tanto no que tange à estrutura linguística quanto no que concerne a aspectos sociais e históricos. Assim, na tese, testei e corroborei hipóteses que levam a um maior entendimento sobre esse fenômeno, que não só particulariza o PB perante o PE, mas distingue falares brasileiros.

Naquele estudo, concluí que a ampliação dos dados para outros estados e áreas vizinhas, bem como o entendimento de outros contextos sociohistóricos não contemplados no *corpus* da Bahia poderia solidificar os resultados obtidos.

---

#### 4 ESTÁGIO ATUAL: DE VOLTA AO ALiB

Atualmente, encontra-se em desenvolvimento na UFRB, universidade à qual me vinculo na condição de docente, o projeto de pesquisa “Projeto Atlas Linguístico do Brasil: variação fonético-fonológica na região nordeste (etapa I)”. Esse projeto busca investigar aspectos fonético-fonológicos do português falado em localidades da região Nordeste do Brasil. Essa região – conforme delimitado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1969 – abrange nove unidades federativas (de norte a sul: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e 1 794 municípios (32% da malha municipal brasileira, cf. IBGE, 2019).

Na rede de pontos do Projeto ALiB, a região Nordeste do Brasil está representada por 78 municípios<sup>15</sup>, distribuídos entre cidades interioranas e capitais estaduais. O projeto executado na UFRB, então, toma a fala de 348 informantes, de modo a investigar a dimensão sonora do português falado na área. Reconheço, nesse sentido, que estarão recobertas áreas detentoras de histórias sociais e vivências culturais distintas, fazendo-se necessária a articulação entre saberes da Dialectologia, da Sociolinguística Variacionista e da História Social. Ao lidar com a matriz sonora, recorrerei a premissas da Fonética Acústico-Articulatória e da Fonologia Autossegmental.

---

<sup>15</sup> Maranhão: Turiaçu, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São João dos Patos, Balsas e Alto Parnaíba. Piauí: Teresina, Piripiri, Picos, Canto do Buriti e Corrente. Ceará: Camocim, Sobral, Fortaleza, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu e Crato. Rio Grande do Norte: Mossoró, Angicos, Natal, Pau dos Ferros e Caicó. Paraíba: Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos, Campina Grande e João Pessoa. Pernambuco: Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Recife, Floresta, Garanhuns e Petrolina. Alagoas: União dos Palmares, Santana do Ipanema, Arapiraca e Maceió. Sergipe: Aracaju, Propriá e Estância. Bahia: Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhana, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabralia e Caravelas.

---

Para essa primeira etapa, está previsto, justamente, o estudo da ditongação diante de -S, dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos ao longo dos cursos de Mestrado e Doutorado em Língua e Cultura. O projeto, portanto, cumpre a necessidade de ampliar as áreas investigadas, averiguando, com mais pormenor, divisões dialetais pautadas no fenômeno.

Parte-se, assim, dos seguintes objetivos, que conjugam interesses do Projeto ALiB, do Grupo de Estudos do Português Popular da Bahia (GEPPPOP)<sup>16</sup> e do curso de graduação em Letras da UFRB: (i) consolidar os estudos em Fonética e Fonologia e em Dialectologia e Sociolinguística na UFRB, formando uma equipe de pesquisadores preparados para o estudo e análise da variação linguística; (ii) verificar, com base na metodologia variacionista, aspectos fonético-fonológicos, que interfiram na existência da ditongação diante de <S>, interpretando esses resultados a partir de pressupostos de teorias fonológicas; (iii) estabelecer possíveis zonas dialetais na Região Nordeste do Brasil, quanto à ditongação diante de <S>; (iv) identificar possíveis estratificações quanto ao sexo e à faixa etária dos informantes e (v) fornecer dados relevantes a outros estudos sobre o componente sonoro do PB, bem como para a produção de materiais didáticos, haja vista ser esse tipo de ditongação um fenômeno que caracteriza falares e se manifesta na escrita.

Sobre os primeiros dos objetivos citados, destaco que o projeto está possibilitando constituir um grupo de pesquisadores treinados para a pesquisa de caráter variacionista. Esse grupo, hoje, conta com a presença de seis estudantes voluntários, os quais estão sendo preparados para atuar em todas as etapas de levantamento, transcrição e análise dos dados. Desses, duas estudantes, Lays dos

---

<sup>16</sup> O GEPPPOP procura ampliar o conhecimento dos fatores linguísticos e sociais que estão ligados ao processo de formação de comunidades de fala do português popular da Bahia e de outras localidades, que ajudem na compreensão da realidade local. Foi criado pelo Prof. Dr. Gredson Santos, em 2013, e é liderado por mim desde agosto de 2019.

---

Santos Andrade e Michele de Jesus Santos, são vinculadas ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRB, em caráter voluntário, desde agosto de 2020.

Além disso, Lays dos Santos Andrade desenvolve seu Trabalho de Conclusão de Curso sob minha orientação e pautando-se nos dados de ditongação diante de -S nos estados de Alagoas e Sergipe. Outras duas estudantes, Letícia Silva dos Santos e Edna dos Santos Silva, desenvolvem monografias de conclusão de curso com base nos dados de informantes nativos do Ceará e da Paraíba, respectivamente.

Espero que os estudos desenvolvidos venham a ser sociabilizados em periódicos científicos e/ou eventos acadêmicos, aproximando os discentes do Centro de Formação de Professores (CFP) das práticas de pesquisa. Ademais, desejo que seus estudos gerem como produtos cartas linguísticas que possam ser publicadas nos próximos volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo apresentar os caminhos percorridos no PGLinC-UFBA, circunstanciando a pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Brasil acerca da ditongação diante de -S. Desse modo, partiu de uma apresentação sobre o fenômeno, retomando os comentários de diferentes autores que se dedicaram à descrição das peculiaridades do PB, bem como da apresentação de resultados de estudos sociolinguísticos acerca do mesmo. Desde então, solidificaram-se as afirmativas de que se trata de uma inovação do PB e, também, de que eram pouco conhecidos seus condicionamentos linguísticos e sua distribuição espacial.

Foi apresentado o meu estudo de Mestrado, o qual tomou por base os dados do Projeto ALiB referentes aos informantes nativos das capitais brasileiras.



---

Daquele trabalho, corroborou-se a ideia de que a ditongação diante de -S é um traço peculiar de algumas regiões brasileiras, havendo aquelas em que o fenômeno está restrito a certos elementos condicionantes. Dos resultados, hipotetizou-se uma relação entre aspectos sociohistóricos das localidades e fonarticulatórios das vogais diante de -S como relevante a entender as circunstâncias que permitiram o desenvolvimento de tais ditongos no PB.

Assim, no curso de Doutorado, desenvolvi tese referente ao fenômeno em áreas da Bahia investigadas pelo ALiB. O trabalho – indicado internamente pela banca avaliadora a concorrer ao Prêmio CAPES de Teses – alinhavou práticas e métodos da Dialetoлогия, da Sociolinguística e da Fonética Acústica, de modo a comprovar que o fenômeno parece ser mais propício a vogais mais abertas e mais longas. Localidades cujos falares se caracterizam pela presença de tais segmentos apresentam maiores chances de ditongação diante de -S.

Atualmente, o estudo da ditongação diante de -S prossegue como projeto de pesquisa desenvolvido na UFRB, envolvendo estudantes de graduação, vinculados ao PIBIC e/ou que realizam seus Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação com base no *corpus* do ALiB. Destarte, este artigo expôs a relevância de uma formação sólida no âmbito do PPGLinC. Demonstrou, em ciclos, como se partem de processos de aprendizagem contínuos para a formação de outros estudantes e, também, de uma pesquisadora, atuando do ALiB para o ALiB.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Martinz de. Fonética do Português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, v.51, n.51, p.271-307, 1937.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: O Livro, 1920.
- AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Palotti, 2004. p. 45-54.

---

BOERSMA, Paul; WEENIK, David. *Praat: doing phonetics by computer*. Disponível em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em mar. 2018.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1953].

CHAVES DE MELO, Gladstone. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

COMITÊ NACIONAL. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 6. ed. rev. 7. reimp. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974 [1938].

HAUPT, Carine. *Sibilantes coronais - o processo de ditongação e palatalização em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na Fonologia de Geometria de Traços*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: UFSC, 2007.

HAUPT, Carine. A ditongação em sílabas fechadas por /S/ em Florianópolis. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 7, 2006, Pelotas, RS, *Anais...* Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 1-6. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>. Acesso em outubro de 2010.

HEAD, Brian. *A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. 1964. Tese (Doutorado). University of Texas (Austin) – Texas: University of Texas, 1964.

HOUAISS, Antônio. *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca*. Rio de Janeiro: Nacional, 1959.

HOOPEL, Joan B. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic, 1976.

IBGE. *Informações sobre municípios brasileiros*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang=>>>. Acesso out.2019.

LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. *Organon*, v.14, n.28-29, 2000, p.133-141.

LEIRIA, Lúcia Lovato. *A ditongação variável em sílabas tônicas travadas por /S/*. 1995. 74 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, março de 1995.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1945 [1934].

MENDONÇA, Renato. *Influência Africana no Português do Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.

MOTA, Jacyra Andrade; JESUS, Cláudia Santos de; EVANGELISTA, Grace Kelly Souza. O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. *Estudos*, Salvador, v. 41, p. 189-228, 2010.

---

PETTER, Margarida Maria Tadonni. O continuum afro-brasileiro do português. In: GALVES, C.; GAMES, H.; RIBEIRO, F.R. (Org.). *África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.159-173.

RÉVAH, I.S.. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI<sup>e</sup> siècle à nos jours. In: PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1, 1956, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. p. 387-402.

SERRAINE, Florival. Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri. *Revista do Instituto do Ceará*, s.v., s.n., p.5-22, 1972.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, Amanda dos Reis. *Ditongação diante de <s> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28143>. Acesso em jan. 2021.

SILVA, Amanda dos Reis. *A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25688> . Acesso em jan. 2021. (a)

SILVA, Amanda dos Reis. Variação fonética em capitais brasileiras: a ditongação diante de /S/ e as realizações fonéticas do /S/ em coda. In: HORA, D.; PEDROSA, J. L. R.; LUCENA, R. M. de (Org.). *Anais da ALFAL 2014: XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL)*. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 4813-4829. (b)

SILVA, Amanda dos Reis; MOTA, Jacyra Andrade. Relações entre características acústico-articulatórias de vogais antes de e sua ditongação variável em cidades baianas. *DIADORIM*, v.20, p.209 -237, 2018. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/18019>. Acesso em jan. 2021.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro. *Lições de português*. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, 2005.

VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2. ed. Centro de Estudos Filológicos: Lisboa, 1970 [1901].

VÁSQUEZ CUESTA, Pilar; MENDES DA LUZ. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1971 [1949].

---

## A AUTORA E O PPGLinC

### **Amanda dos Reis Silva**

É licenciada em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2012). Possui Mestrado (2014) e Doutorado (2018) em Língua e Cultura, pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA. No âmbito do PPGLinC, foi membro da comissão do TEMPÓS, responsável pela organização de eventos nas áreas dos estudos linguísticos e literários, e membro e editora-chefe da Comissão Editorial da Revista Inventário. Hoje, é docente do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na área de Linguística, onde lidera o Grupo de Estudos do Português Popular da Bahia (GEPPPOP). É membro, desde 2008, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em que desenvolve pesquisas sobre ditongos no Português Brasileiro. Coordena a Comissão Científica de Dialectologia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Dedicar-se aos estudos linguísticos, tratando, principalmente, de temas referentes à diversidade do Português Brasileiro, à interface fonético-fonológica da Língua Portuguesa, às teorias linguísticas e à popularização da Linguística.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 04 de outubro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 18 de fevereiro de 2021.